

PAULO RODRIGO ANDRADE HAIDUKE

A REVISTA NORDESTE

reflexões sobre modernismo e regionalismo a partir de um periódico recifense nas décadas de 1940-
50

Relatório de Pós-doutorado realizado na
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras,
Assis

Supervisora: Prof.^a Dra.
Tania Regina de Luca

Assis
2023

I – Resumo

O presente relatório se refere ao pós-doutorado realizado junto à UNESP/Assis, entre 02/10/2023 à 01/10/2024, supervisionado pela Prof.^a Dra. Tania Regina de Luca conforme o projeto intitulado “*A Revista Nordeste: reflexões sobre modernismo e regionalismo a partir de um periódico recifense nas décadas de 1940-50*”.

II – Introdução

A pesquisa analisou o periódico *Nordeste*, lançado originalmente no Recife no final de 1945 como mensário de cultura e vinculado à grande imprensa pernambucana, com sede, edição e impressão junto ao *Jornal do Commercio* (Recife, 1919-). Foram encontradas edições publicadas até 1965, ou seja, o período de existência da *Nordeste* é concomitante à experiência democrática cronologicamente situada entre os dois períodos autoritários, o Estado Novo e o Regime Militar. Nessa conjuntura, a Empresa Jornal do Commercio S. A. passou por um importante processo de modernização e expansão, quando se lançou inclusive no ramo radiofônico e televisivo.

Nos pós-doutorado, foram focados os números da revista *Nordeste* referentes ao período entre 1945-55, caracterizada aqui como sua primeira fase, quando foi liderada intelectualmente pelo redator-chefe paraibano Aderbal Jurema. Isso se justifica primeiro pelo tempo exíguo de um ano, mas também pelo acesso à série completa das 34 edições publicadas nesse período, diferente das lacunas ainda não preenchidas em relação a continuidade da revista entre 1956-65.

Essa conjuntura subsequente ao fim tanto do Estado Novo e quanto da Segunda Guerra Mundial foi palco de grande efervescência em relação ao surgimento de periódicos literários, artísticos, científicos e culturais. Em muitas cidades brasileiras podem ser observados grupos de intelectuais que encamparam novas revistas, como no caso da *Nordeste*, umas dentre as diversas revistas que foram lançadas a partir de 1945 na capital pernambucana. Na verdade, a revista lançada por Aderbal Jurema não apenas está entre as primeiras surgidas nessa nova conjuntura em Recife, como também foi a mais longa.

Contudo, a historiografia brasileira ainda não se debruçou de fato sobre esse tipo de material na conjuntura pós-1945, diferentemente da atenção manifesta por muitos trabalhos que abordaram as décadas anteriores, dentre eles algumas referências hoje incontornáveis, como por exemplo a tese de Tania Regina de Luca intitulada *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, defendida em 1996, mais tarde lançada em livro. Se por um lado não temos trabalhos de fôlego que tenham analisado esses periódicos não apenas como fontes, mas como objetos centrais de análise, deve-se

também destacar que carecem trabalhos de maior fôlego sobre os intelectuais nessa nova conjuntura.

Essa pesquisa de pós-doutorado, portanto, buscou explorar em parte esse campo pouco visitado ainda pela historiografia brasileira. Seu foco principal foi analisar sistematicamente a série completa da *Nordeste* entre 1945-55, centrando a problemática na própria revista, que foi tomada como seu objeto central. Como o periódico tinha diversas características regionalistas, nessa conjuntura da chamada Terceira Geração Modernista de 1945, os debates sobre modernismo e regionalismo se impuseram como incontornáveis. Deve-se ter em conta que essas discussões eram então extremamente relevantes após o sucesso do Romance de 30, cujos principais nomes foram justamente de escritores e escritoras que tematizaram o nordeste em suas obras. Ou seja, nessa conjuntura pós-45, a necessidade de avaliar os legados, sobretudo aqueles oriundos a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, fazia com que o regionalismo, criticado ou elogiado, estivesse no centro do debate. Não por acaso, a consagração da obra de João Guimarães Rosa, entre o lançamento de *Sagarana* em 1946 e do Grande Sertão Veredas em 1956, se cristalizou principalmente pela recepção que se apropriou dessa obra como síntese de um regionalismo universal como, por exemplo, pode ser observado pelas críticas feitas então por Antonio Candido (2002).

Ao longo da primeira fase da *Nordeste*, muitos foram os indícios de que havia um investimento, sim, no regionalismo, exemplificado pelo título da revista e sua identidade visual. Mas isso se fez não forma apenas para exaltar a região, como espécie de bairrismo, localismo ou provincianismo. Na verdade, a ênfase regionalista da *Nordeste* era, em parte, exatamente a forma pela qual sua linha editorial vislumbrava o caminho para se articular com espaços nacionais e internacionais, o que era compartilhado por parcelas da intelectualidade nordestina,

A edição de novembro/dezembro de 1949, organizada pelo Proust Clube, cuja sede se encontrava no Rio de Janeiro, é paradigmática dessa articulação regional-nacional-internacional. Conectando intelectuais do nordeste e de outras regiões do Brasil (o clube, embora fosse “carioca”, contava com grande número de membros naturais do Nordeste que viviam no Rio de Janeiro), mas também com proustianos de outros países, a edição especial projetou assim um Marcel Proust regionalista, “*Em busca da Província Perdida*”, como se manifesta pelo título da homenagem. Contudo, provincianizar Proust e sua obra não significava aqui na respectiva diminuição, ao contrário, era uma forma pela qual essa intelectualidade nordestina tentava se afirmar, defendendo que podiam ser tão universais como o autor de *Em busca do tempo perdido*, obra aliás traduzida pela primeira vez no Brasil justamente nesse período (1948-56).

A *Nordeste* não se lançou como um periódico exclusivamente literário ou artístico, mas sim identificada pela alcunha mais abrangente de mensário (e depois revista) de cultura. Essa noção de

mensário não remetia à natureza do periódico que, mesmo no formato tabloide de 47x32 cm e impresso em papel-jornal, se referia a si mesma como revista, através de seus colaboradores, sobretudo nas seções cuja responsabilidade era da redação. A noção de mensário de cultura, que perdurou desde o lançamento até o final de 1948, indica na verdade a intenção de uma periodicidade mensal, cuja duração não passou dos primeiros quatro números. A partir do número 5 de 1946, o periódico deixou de ser mensal e passou a aparecer de forma irregular. Com algum atraso em relação ao fim da curta periodicidade mensal, a partir de 1949 a *Nordeste* passou a trazer em seu expediente o termo “*revista de cultura*”, o qual permaneceu até o último número encontrado em 1965.

A pesquisa de pós-doutorado mostrou que essa noção de cultura seguramente era debitoria da influência que Aderbal Jurema e a intelectualidade nordestina sofria do seu então maior expoente. Após a grande repercussão nacional de *Casa Grande e Senzala* em 1933, Gilberto Freyre passou a ocupar um lugar quase incontestado de liderança intelectual no Recife e, conseqüentemente, no Nordeste. Essa posição foi então fortalecida, nessa nova conjuntura a partir de 1945, visto que Freyre alcançava um prestígio internacional possivelmente desconhecido de qualquer intelectual brasileiro nessa época.

Assim, a noção de cultura que manifestava a natureza da *Nordeste* a princípio foi extremamente abrangente, englobando manifestações populares, acadêmicas, e inclusive de massas (como o cinema e o futebol, por exemplo). Suas páginas colocavam lado a lado discussões sobre sociologia, antropologia, história, música erudita, teatro, literatura, cinema, mas também esportes, ou os métodos de pesca e caça do sertão do Seridó. Ou seja, o periódico não se colocou como uma tradicional revista literária ou artística, embora essas temáticas tivessem ali grande espaço, mas sim como um periódico eclético e aberto às diversas manifestações culturais, inclusive às relações entre as distintas formas de cultura e arte. Mais uma vez o exemplo de Guimarães Rosa é elucidativo de como a *Nordeste* estava em sintonia com algumas questões caras à intelectualidade brasileira dessa conjuntura, visto que o escritor mineiro nunca escondeu a importância que as populações do interior, especialmente os vaqueiros, tiveram para sua produção ficcional. Isso é exemplificado em *Estas Estórias*, livro póstumo de 1969, onde se encontra “*Com o vaqueiro Mariano*”, narrativa sobre a vivência de Guimarães Rosa em 1947 no pantanal mato-grossense com o personagem que dá nome ao texto. Destaque-se que a primeira publicação se deu exatamente no período contemporâneo aos primeiros anos da *Nordeste*, entre 1947-48, no jornal carioca *Correio da Manhã*.

De fato, a presença de Freyre na *Nordeste* se mostra de várias formas para além da sua identidade como revista de cultura. São raros os números entre 1945-55 em que seu nome sequer conste. Na grande maioria dos 34 números dessa série, ele aparece recorrentemente de 3 formas, e

em alguns números concomitantemente. A presença de Freyre mais manifesta e básica se deu através de suas colaborações na revista, o que fazia ele ser considerado por Aderbal Jurema um dos mais importantes colaboradores da *Nordeste*. Se for levado em conta a quantidade de números que seu nome aparece como autor de algum material, Gilberto Freyre seria seguramente identificado como integrante do núcleo duro da revista, visto que as onze recorrências só o deixariam atrás da colaboração autoral do redator-chefe. Destaca-se a recorrência por edições, e não por artigo, visto que duas conferências apareceram divididas nas páginas de 5 edições: *Povo, Província, Estudante e Arte* (1945/2, 1946/3 e 1946/4) e *Modernidade e Modernismo na Arte Política* (1947/12 e 1948/1).

Contudo, mesmo que essa quase onipresença e onipotência de Freyre na *Nordeste* inegavelmente o coloque como espécie de grande símbolo e ideal da revista, a natureza do material que ele assinou não permite identificá-lo como sendo do respectivo núcleo duro. Isso porque cerca de dois terços de suas colaborações, 7 do total de 11, resultaram de falas que o deputado e intelectual proferiu em determinadas circunstâncias. Assim, a publicação a posteriori na *Nordeste* evidencia que esse material não havia sido produzido especialmente para ser ali publicado, o que relativiza o real engajamento de Freyre com a produção da revista.

As outras duas manifestações da presença de Gilberto Freyre na *Nordeste* foram através das formas como ele foi tomado como objeto da revista. Isso ocorreu sobretudo através de duas maneiras: primeiro, por meio de ensaios e artigos de maior fôlego, autorais, nos quais o autor e sua obra eram analisados; em segundo, as seções sem autoria da revista, sobretudo *Bibliografia* e *Tópicos*, que funcionaram como agendas públicas das atividades realizadas pelo deputado federal e intelectual não só no Recife, mas pelo Brasil e pelo mundo.

Essa conjuntura que se abriu com o fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial exigiu reconfigurações dos campos artísticos e intelectuais não só no Brasil, mas no mundo. Por um lado havia a demanda de se refletir sobre a grande catástrofe e barbárie da qual emergia o cenário mundial para entender como se chegou a esse ponto, e quem sabe evitar algo semelhante, coadunada no Brasil por uma crítica que cresceu nos últimos anos do regime Vargas contra a censura e o autoritarismo. Por outro lado, a nova conjuntura nacional e mundial exigia que intelectuais se engajassem para refletir os rumos de futuro, tanto da nova democracia no Brasil, como o cenário que se desenhava com a configuração da bipolarização da Guerra Fria.

A revista *Nordeste* esteve atenta e em sintonia com essas demandas, e isso levou a uma relação ainda mais íntima com Gilberto Freyre, intelectual de fama nacional e mundial, mas que não se esquivava de cumprir a função política como deputado federal eleito pela UDN, colaborando inclusive com a Constituinte de 1946. Fora isso, o prestígio internacional de Freyre crescia e rendia dividendos, visto que a repulsa pelo racismo era quase senso comum entre a intelectualidade no pós-guerra. Nesse cenário, a obra do sociólogo recifense fazia do caso brasileiro uma espécie de

“anti-alemanha” que deveria ser estudada, o que se refletiu inclusive no chamado Projeto Unesco (Maio, 1999). Não por acaso, a ONU chegou a encomendar um relatório para Gilberto Freyre sobre o caso do apartheid na África do Sul, o qual foi realizado em 1954 (Dávila, 2010).

Assim, embora a revista *Nordeste* tenha se construído com uma identidade provinciana e regionalista, buscou estar em sintonia com as demandas nacionais e internacionais, elegendo a cultura no sentido amplo como seu campo de batalha, e Freyre como sua bandeira e símbolo. Não a toa, a primeira edição de novembro de 1945 trouxe em sua capa o texto do recifense Luiz Delgado, professor da Faculdade de Direito do Recife, cujo título era *Na Porta de Saída das Guerras*. Esse artigo nada fala de questões regionalistas, se concentrando na abordagem dos caminhos que levaram aos conflitos mundiais, e oferece por fim a Democracia Cristã como possibilidade de superação desses problemas no mundo pós-Segunda Guerra. Contudo, a mesma primeira página (a *Nordeste* não tinha capa como elemento extratextual) trazia um poema do consagrado modernista recifense Manuel Bandeira que tematizava justamente questões que dialogavam com um cenário de incerteza, com o final de um período complicado e a abertura de um horizonte incerto.

A capital pernambucana, epicentro intelectual de uma ampla região sobretudo pela centenária Faculdade de Direito do Recife, alçava assim problematizações sintonizadas com questões cosmopolitas supostamente universais, como o lugar de artistas e intelectuais nesse cenário pós-1945. Isso fica mais evidente ainda nos dois números seguintes da revista, em 1945 e 1946, onde apresentou entrevistas de Odilón Nestor (professor de direito internacional na Faculdade do Recife) e Viana Moog (da Associação Brasileira de Letras) debatendo “*O Intelectual e o Após-Guerra*”. Destaque-se que 1945 é o ano de lançamento da revista *Temps Modernes*, por Jean-Paul Sartre e seus colaboradores, periódico que foi fundamental para os debates sobre arte e intelectualidade na conjuntura pós-1945 na França. Seguem as perguntas do “*Inquérito da Nordeste*”:

A) Qual deve ser a posição do intelectual numa nação democrática? B) Qual a sua concepção da Arte em face da Política? C) Quais as relações que devem existir entre o intelectual e o povo? D) Quais os mais prementes problemas que precisa de solução? E) Quais as principais correntes políticas do após-guerra?” (Nordeste, 1945/2, p. 06).

Essas questões apresentam exatamente a necessidade de intelectuais estarem engajados com os problemas na nova conjuntura mundial, tal como exigia a *Temps Modernes* (Bouffartigue, 2009, p. 1337-1338). Ou seja, o regionalismo da *Nordeste* não se fazia em detrimento de questões nacionais e internacionais, pelo contrário, era entendido exatamente como a via mais honesta de integração.

É importante destacar que a revista apresenta, a primeira vista, uma gama bem eclética de temas e posições políticas/ideológicas representadas por seus colaboradores e, em menor número, colaboradoras. Contudo, a Democracia Cristã teve grande espaço, seja através do já citado Luiz

Delgado, que fez parte do núcleo duro da *Nordeste*, ou mesmo em textos assinados pelo redator-chefe Aderbal Jurema.

A *Nordeste*, como já dito, era impressa e editada pelo *Jornal do Commercio*, cuja sede inclusive abrigava sua redação. Ou seja, a revista era na verdade um produto de empresa que passava por momento muito importante de renovação e ampliação. Em 1919, o jornal *A Ordem* foi adquirido e transformado no *Jornal do Commercio* por João Pessoa de Queiroz (Nascimento, 1967, p. 145). Interessante observar que *A Ordem* havia feito oposição à família Pessoa de Queiroz por conta de rixas políticas regionais, em defesa do governador de Pernambuco Manuel Borba (Lopes, 1985, p. 40). O diário matutino se tornava, entre as décadas de 1940-60, um grande grupo de comunicações, congregando outros periódicos impressos, rádios e inclusive emissoras de televisão. A empresa, inicialmente propriedade de João e José, passou à direção do terceiro irmão, Francisco (muitas vezes referenciado como F.) Pessoa de Queiroz em 1921, concomitante ao seu mandato como deputado federal. Segundo Alcides Lopes, o jornal dava prejuízos financeiros, que eram cobertos pelos lucros que os irmãos tinham com um armazém de miudezas no mesmo endereço. Em 1927, o deputado federal, temendo que os irmãos fechassem o diário matutino, comprou-o à crédito (Lopes, 1985, p. 66-67), passo decisivo para que F. Pessoa de Queiroz se consolidasse nas décadas seguintes como empresário central das comunicações na região nordeste (Barros, 2009).

Logo, a revista *Nordeste*, que a primeira vista poderia erroneamente ser interpretada como periódico exclusivamente regionalista, fazia parte desse projeto de expansão da Empresa Jornal do Commercio S. A., que visava se alçar no Brasil como veículo importante nas comunicações. A voz partia de fato de Recife, isso é inegável, porém o projeto era muito mais ambicioso, e se resumia no slogan da Rádio Jornal do Commercio: “*Pernambuco falando para o mundo*”. Sem precisar datas ou maiores detalhes, Alcides Lopes transcreveu em seu livro um trecho que ele mesmo teria publicado no *Jornal do Commercio* no Caderno Especial dedicado à F. Pessoa de Queiroz. Ali, ele destaca que outro slogan da rádio, de “*voz mais potente do Brasil*”:

ficou consagrado e confirmado em âmbito nacional quando o Presidente Eurico Gaspar Dutra pretendeu mandar fazer um programa para o Exterior ou, mais precisamente, para a América do Norte, e teve de utilizar as ondas curtas da Rádio Jornal do Commercio, por serem as únicas do País capazes de atingir o objetivo desejado. (1985, p. 138).

III – Objetivos

Objetivo geral

– Analisar a revista de cultura *Nordeste*, pensando seu lugar na conjuntura de 1940-50, a partir dos debates sobre modernismo e regionalismo presentes no periódico.

Objetivos específicos

- Compreender a configuração da revista *Nordeste*;
- Refletir sobre o papel das revistas culturais e jornais literários, e especificamente da revista *Nordeste*, no cenário regional e nacional pós-1945.
- Identificar e refletir sobre os principais temas, interesses e convicções manifestos na revista *Nordeste*;
- Refletir como o periódico esteve ou não engajado com os projetos de construção da Nação e Identidade no Brasil;
- Contribuir para o debate historiográfico brasileiro sobre imprensa, mundo editorial, intelectuais e literatura;
- Analisar os debates sobre Modernismo, Regionalismo e Realismo nesta conjuntura;
- Analisar as relações entre a revista *Nordeste* e Gilberto Freyre;
- Entender caminhos pelos quais a obra proustiana foi lida no Brasil no período, e os sentidos desta recepção para a intelectualidade brasileira.

IV – Material e Métodos

A pesquisa se sustentou com base nas discussões da História Cultural, da História e Imprensa e da História Intelectual. Tal como aponta Tania Regina de Luca (2008), desde a Terceira Geração dos *Annales*, o interesse da historiografia se transformou. Assim, a partir da década de 1970, as pesquisas históricas que já se preocupavam com a imprensa como fontes, passaram cada vez mais a colocar os próprios periódicos como centro das problemáticas, ou seja, como objetos privilegiados da análise.

Conforme Monica Pimenta Velloso (2006, p. 316), a historiografia acabava priorizando uma abordagem voltada sobretudo ao que chama de função das revistas como veículo contextualizador, ao que se contrapõe sua abordagem: “*Minha proposta é pensar as revistas nesta sua dupla dimensão: fonte e objeto de análise. A avaliação de Chartier é o fio condutor dessa reflexão, permitindo perceber as revistas em sua complexa historicidade e articulações específicas que estabelecem em relação ao moderno.*” Eis um caminho sugerido como possível acesso à revista *Nordeste*, justamente através da abordagem das manifestações modernistas e regionalistas ali presentes.

Neste sentido, o estabelecimento de uma série relevante do respectivo periódico, na verdade a série completa ou mais próxima disso possível, é passo fundamental (Luca, 2008). Graças ao pós-

doutorado e a respectiva possibilidade de pesquisas de campo no Recife e no Rio de Janeiro, a série inicial foi substancialmente ampliada. No início do pós-doutorado, a pesquisa contava com 29 números publicados entre 1945-55, os quais estão acessíveis digitalizados no site da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Como nenhuma pesquisa abordou de fato a *Nordeste* como objeto, não haviam maiores informações sobre a continuidade da revista, sendo que a única notícia de Luiz do Nascimento dizia que a revista “*prosseguiu em 1955.*” (1967, p. 107). Como a série da Fundaj abarcava os dois primeiros números de 1955, seria fácil cair no erro de que ela estava muito próxima da completude, faltando apenas cobrir algumas lacunas, como o número 2 de 1949 e o volume único de 1954. De fato, graças ao verbete que Luiz do Nascimento apresenta da *Nordeste* em sua volumosa obra sobre a imprensa pernambucana, foi possível ter praticamente certeza que a série, até 1955, não contava com outras lacunas.

Informações do Instituto Ladjane, além da tese de doutorado de Eduardo Dimitrov (2013), davam notícias de que a *Nordeste* havia circulado na década de 1960, em formato totalmente diferente. Em contato com o Fundaj, foi possível descobrir que o acervo físico da instituição possuía alguns números desse período. Ainda assim, não havia nenhum indício do que havia acontecido com a revista no período entre 1956-59. Tão logo o pós-doutorado começou, em novembro de 2023, fiz uma viagem ao Recife para buscar maiores informações, e principalmente ampliar se possível a série.

Graças ao acervo de microfilmes da Fundaj, foi possível descobrir que não só em 1955 foram publicados outros três números, como também a *Nordeste* continuou circulando entre 1956-58. Assim, graças à disponibilidade da instituição federal em digitalizar o material microfilmado, foi possível reproduzir esses números para futuras análises, além de sanar as referidas lacunas de 1949 e 1954, além desses 3 números de 1955. Dessa forma, a série estabelecida da primeira fase, entre 1945-55, saltou de 29 para 34 números, o que permitiu segundo as informações de Luiz do Nascimento, bem como outros indícios, a segurança de ter completado os números da *Nordeste* desse período.

Além disso, somando os microfilmes e o acervo físico da Fundaj, foi possível acessar e reproduzir, entre 1956-65, mais 15 números da *Nordeste*. Pela numeração e datas de publicação, pode-se afirmar que todos os números de 1956 foram encontrados (4), porém em relação à 1957 não foram encontrados 3 números (entre o 2-4), bem como não foi possível acessar o número 2 de 1958. Em relação aos anos 1960, como a numeração usada pela revista inicia no número 2 e termina no 6, de agosto de 1962, não é possível afirmar se há lacunas, quais e quantas seriam, pois foram encontradas ainda edições entre 1963-65,

Diversos outros acervos públicos e privados foram consultados no Recife, mas infelizmente apenas a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco possuía ainda números além da série já

estabelecida, somando mais 3 edições dos anos 1960. Assim, a série originalmente acessada digitalmente pelo site da Fundaj que era 29 números entre 1945-55 foi ampliada para 52 edições até 1965.

Com base nisso, foi possível com maior segurança estabelecer o final da primeira fase em 1955, graças a vários indícios, mas sobretudo pela presença do líder intelectual Aderbal Jurema nesse período. Exceto em alguns números ainda no início da revista, quando o redator-chefe se afastou da revista por conta de um cargo público que passou a exercer no Rio de Janeiro, ele permaneceu no expediente do periódico até a última edição de 1955. As edições encontradas entre 1956-65 permitiram compreender claramente que Jurema não apenas deixou de ocupar esse cargo, como qualquer menção a ele desapareceu da *Nordeste*. Em seu lugar, a artista plástica Ladjane Bandeira passou a ganhar cada vez mais destaque, primeiro como diretora-artística, cargo que não existia antes de 1956, e mais tarde como redatora e inclusive diretora da revista.

Graças a essas informações e a respectiva segurança que permitiram em relação à completude da série na primeira fase, e a partir de sugestões da supervisora Tania Regia de Luca, optou-se em abordar com mais ênfase a *Nordeste* durante a liderança de Aderbal Jurema. Embora não tenha sido excluído o período pós-1955, como estratégia metodológica esse recorte se justificou, inclusive pelo tempo exíguo do pós-doutorado.

Segundo Tania Regia de Luca (2008), a historiografia que passou a dar cada vez mais atenção aos periódicos não apenas como fontes para assuntos diversos, mas principalmente como objeto central da problemática, consequentemente têm sido cada vez mais incisiva na análise da materialidade dos periódicos. A importância da materialidade em relação à História do Livro, da Leitura e da Imprensa vem sendo destacada pela Nova História Cultural, sobretudo Roger Chartier, que aponta a obra “*Bibliografia e a Sociologia dos Textos*” de Donald McKenzie como um marco nessa abordagem. Segundo Chartier (2005, p. 5-18), os estudos de McKenzie mostram que a separação das análises de conteúdo e forma em relação ao livro e à imprensa seria um problema. Os textos impressos não podem ser de forma idealmente separados dos respectivos suportes materiais.

No prólogo à citada obra em sua edição de 2005, Roger Chartier destacou que as pesquisas de McKenzie transformaram a ciência bibliográfica, a crítica textual e, consequentemente, a história da leitura. Isso porque o estudioso neozelandês se baseou em dois princípios: primeiro, desfazer a naturalização dos textos como apenas livros, visto a existência de textos não impressos ou que não usam linguagem verbal, como imagens e mapas, por exemplo; segundo, pois levou em conta que as formas textuais impressas afetam os significados emitidos e recebidos, visto que a materialidade específica é o meio pelo qual a representação se faz vista e escutada. Ou seja, a partir disso, a ciência bibliográfica, em vez de continuar buscando um texto puro e ideal que supostamente teria sido escamoteado pelas falhas materiais da impressão, passou a levar em conta como central

entender como os impressos se constituem: a forma do livro, a divisão do texto, as convenções tipográficas, a pontuação etc. Isso porque esses elementos têm funções expressivas e buscam qualificar o texto, mas também: “*determinar la recepción, controlar la comprensión.*” (Chartier, p. 08). Em suma, Roger Chartier entende o vanguardismo de McKenzie visto que sua obra dos anos 1980 mostrou que o sentido dos impressos depende das formas gráficas e das formas de sua inscrição na página, o que passou a exigir da historiografia não eliminar os erros de impressão, mas sim levá-los em conta para articular as formas materiais e simbólicas dos textos, superando assim qualquer dicotomia entre descrição e interpretação, entre morfologia e hermenêutica.

Se acesso ao material digitalizado pode informar algumas dessas questões, como a estruturação interna ou mesmo a respectiva periodicidade, há questões que são incontornáveis sem o acesso físico à fonte original. O tipo da impressão, o papel, o tamanho, bem como o uso de cores, são questões que demandam um contato com a materialidade de fato do original que circulou e supostamente foi lido pelo público.

Muitas digitalizações, como no caso da Fundaj, não trazem informações sobre as dimensões do periódico, e inclusive escamoteiam coisas como o uso de cores. Sobre as dimensões, graças novamente a Luiz do Nascimento, foi possível desde o início saber que o formato da *Nordeste* era semelhante a um jornal tabloide, com 47 X 32 cm, o que só se modificou em 1960 com a transformação radical que o suporte material da revista sofreu. As 29 edições disponíveis no site foram digitalizadas em preto e branco, o que levou ao equívoco de pensar que assim ela circulou. Contudo, o acervo físico permitiu descobrir que mesmo timidamente, desde o primeiro número de novembro de 1945 o periódico se utilizou de uma paleta de cores mais variadas. Infelizmente, embora a Fundaj ainda guarde essas 29 edições físicas, o estado de conservação é deplorável, e os mesmos foram encadernados em volume único. Consequentemente, a instituição atualmente não permite o manuseio do mesmo, sendo que só foi possível descobrir o uso de cores visto que a funcionária da instituição gentilmente mostrou a primeira página, manuseada por ela.

Assim, a pesquisa buscou outros acervos que poderiam tanto ampliar a série, quanto permitir o manuseio material. Através de pesquisas prévias, constatou-se a existência de edições da *Nordeste* na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e na Biblioteca Nacional (BN), ambas sediadas no Rio de Janeiro. Se por um lado esses acervos quantitativamente não aumentaram em nada a série das 52 edições já acessadas e reproduzidas através dos acervos do Recife, em termos qualitativos eles permitiram uma nova compreensão da *Nordeste*. A BN possui poucos números, mas, ainda assim, permite o manuseio e a reprodução parcial do material. Contudo, a série da FCRB foi um achado, visto que com exceção dos 6 primeiros números que desapareceram, visto que no catálogo da instituição constavam, ela mantém uma série em ótimas condições de manuseio, abarcando números entre 1947-56, além de alguns números da década de 1960.

O contato com essa série permitiu analisar melhor o papel e a paleta de cores que foram utilizadas e, conseqüentemente, entender as evoluções em relação a esses quesitos, o que até então era impossível de compreender.

Com o acesso e reprodução desse material, e tendo em vista uma análise da *Nordeste* como objeto central da problemática, seguiu-se algumas premissas apontas por Tania Regina de Luca (2008): localizar o periódico na História da Imprensa Brasileira; entender as características de ordem material; compreender a organização e estruturação interna do conteúdo; caracterizar o material iconográfico; identificar o grupo responsável pela publicação; analisar a produção dos principais colaboradores; inferir quem era o público-alvo; e buscar entender de onde vinham as receitas que sustentavam a revista.

Para a sistematização disso, optou-se inicialmente por criar uma indexação dos 34 números referentes à primeira fase da revista. Com base no conhecimento do conteúdo, foram tipificados quatro tipos de materiais: os anúncios; as seções; os textos interessados/encomendados; e as colaborações autorais (como artigos, ensaios, conferências, poemas, crônicas, contos, literatura, etc.). Dessas quatro categoriais, merece explicação aqui o material interessado/encomendado, visto se tratar de textos não usualmente encontrados e/ou analisados pela historiografia. Esse material tem uma natureza intermediária entre o anúncio e o artigo/reportagem, e no limite impede que seja caracterizado como publicidade (encomendado) ou material editorial (interessado). São textos que divulgam fatos diversos relativos ao setor público e privado do Recife, de Pernambuco, demais regiões do Nordeste, e inclusive de órgãos do governo federal.

A partir da indexação através do programa Excel, optou-se por incrementar as análises estatísticas através do software chamado Filemaker. Graças a contratação de uma pessoa que conhecia esse programa, foram criadas tabelas, gráficos, enfim, estatísticas as mais diversas sobre os quatro tipos de materiais já destacados. Dessa forma, foi possível sistematizar todo o material das 34 edições lançadas da *Nordeste* durante sua primeira fase, sob a liderança intelectual do redator-chefe Aderbal Jurema.

V – Resultados

O principal produto que resultará do pós-doutorado se trata de um livro que está sendo elaborado sobre sua primeira fase (1945-55), visto que foi possível estabelecer a série completa dos números lançados nesse período. O referido livro está em processo de elaboração, com previsão para finalização e lançamento em 2025. Ele está sendo estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro, sobre a materialidade, já se encontra bem encaminhado e prestes a ser finalizado. O capítulo 2 está em processo intermediário de elaboração, e analisará o núcleo duro da revista, seus

principais colaboradores, temáticas, posições políticas e ideológicas, etc. O terceiro capítulo é o que está em estado mais incipiente, porém já tem bem delimitadas suas linhas principais, sobre as permanências e rupturas que a revista *Nordeste* passou ao longo de sua primeira fase, sobretudo para a análise dos dois períodos que a marcaram: o primeiro, entre 1945-49, de maior efervescência, recorrência e regularidade; e o segundo momento, entre 1950-55, com a diminuição dos números publicados, bem como o afastamento gradativo de Aderbal Jurema.

Visto que o tempo demandado para realizar um livro autoral como a proposta acima não é necessariamente viável com um ano de licença de pós-doutorado, ao longo desse período foram também apresentados e publicados outros trabalhos.

Ainda no final de 2023, foi feito um artigo sobre a revista *Nordeste*, mais especificamente seu número 5 de 1949 em homenagem à Marcel Proust, cujo objetivo era entender a recepção da obra proustiana pela intelectualidade nordestina. O título do trabalho é “*Em busca da Província Perdida: Marcel Proust e a revista Nordeste*”. Inicialmente ele foi submetido à revista História Questões e Debates, da UFPR, ainda no final de 2023. Contudo, a revista passou por problemas editoriais que atrasaram muito a referida avaliação, e por isso essa submissão foi cancelada. Em abril de 2024, o artigo foi submetido para a revista Estudos Ibero-Americanos, da PUC/RS. Ele passou por uma primeira rodada de avaliação, pela qual os pareceristas sugeriram algumas modificações. Essas sugestões foram acatadas, e o artigo foi ressubmetido em agosto de 2024, sendo que ainda não recebeu o parecer final.

Nesse período, ao lado dos professores Hilton Costa (UEM/PR) e Erivan Karvat (UEPG/PR), foi organizado um livro intitulado “*Regionalismos e Intelectuais: exercícios historiográficos*”. Embora a organização desse livro não esteja diretamente ligada ao pós-doutorado, há ali um capítulo de minha autoria chamado “*José Lins do Rego e Gilberto Freyre: o regionalismo reelaborado na década de 40*”, no qual foram utilizados textos e materiais da revista *Nordeste*. O referido livro consta com uma introdução e sete capítulos, com colaborações de historiadores e historiadoras de vários locais do Brasil, inclusive com a participação de um autor argentino, e está já na editora em processo de finalização, devendo ser publicado ainda em 2024.

O pós-doutorado permitiu o contato com diversos pesquisadores do Brasil que trabalham com objetos próximos. Destaca-se aqui o grupo de pesquisa “*Gilberto Freyre, teoria e prática política*”, sediado na Unimontes/MG. Dessa forma, o pós-doutorado permitiu a inserção em novas redes de pesquisadores, sendo que no caso desse grupo foi possível ingressar nas linhas de pesquisa “*Redes de sociabilidade intelectual*” e “*Tradições e correntes intelectuais para o pensamento de Gilberto Freyre*”. Esse grupo está organizando um livro sobre Gilberto Freyre, com previsão de lançamento em 2025. A partir do convite para participar desse livro, e usando a pesquisa de pós-doutorado, foi produzido um texto sobre Gilberto Freyre e a revista *Nordeste* para compor um

capítulo, o qual já está finalizado e entregue aos organizadores do referido livro. Trata-se de “*O Mestre dos Estudiosos: a imagem de Gilberto Freyre nas seções da revista Nordeste (1945-55)*”.

Em setembro de 2024 participei do XXVII Encontro Estadual da Anpuh de São Paulo, realizado na Unicamp/SP, com uma comunicação no Simpósio Temático 06: Escrita da história e impressos periódicos: do analógico ao digital, coordenado pela Prof.^a Dra. Tania Regina de Luca. Disso resultou o texto “*São os do norte que veem*”: questões sobre a materialidade da Revista Nordeste entre 1945-65. O mesmo foi publicado nos Anais do respectivo evento, sendo que a intenção é transformá-lo em um artigo e submeter para revista especializada ainda em 2024.

Todos os produtos listados acima são resultados do pós-doutorado, sem o qual teriam sido impossíveis de terem sido produzidos. A supervisão da Prof.^a Dra. Tania Regia de Luca foi imprescindível para a realização dessa pesquisa, sobretudo com sugestões de como lidar com o material e onde procurar mais coisas. Assim, as viagens ao Recife em 2023 e ao Rio de Janeiro em 2024 foram cruciais para o estado atual da pesquisa.

Agradeço aqui também o acolhimento no Grupo de Estudos que a Prof.^a Dra. Tania Regina de Luca mantém na Unesp/Assis, que conta com discentes da graduação e pós-graduação, orientandos e orientandas de Iniciação Científica, de Mestrado e de Doutorado. As reuniões foram muito profícuas não apenas para uma atualização historiográfica sobre determinados debates, mas principalmente pelo fato de o mesmo grupo ter aceito ler e criticar o primeiro capítulo do livro supracitado que estou escrevendo sobre a *Nordeste*, contribuição essa fundamental para o aprimoramento do mesmo.

VI – Discussão

A pesquisa realizada no pós-doutorado foi extremamente proveitosa não apenas por ter permitido encontrar a maior série possível de edições da *Nordeste*, cujo total alcançado foram 52 números entre 1945-65, mas também para de fato sistematizar esse material, com ênfase sobretudo no período entre 1945-55.

De fato, antes do pós-doutorado não havia sequer a clareza de quais teriam sido as fases da revista, ou ainda o que havia ocorrido com o periódico entre 1955-60. Assim, graças às pesquisas de campo realizadas entre 2023-24, foi possível entender melhor como foi a trajetória da *Nordeste*, periódico que carecia de notícias e informações.

A pesquisa também foi fundamental para de fato estabelecer um balizamento mais seguro para caracterizar o período entre 1945-55 como sua primeira fase. E graças a sistematização de informações a partir do Excel e do Filemaker e as possibilidades das análises e interpretações a partir disso, ficou inclusive claro que essa primeira fase foi marcada por dois períodos: um

primeiro, de surgimento, ascensão e estabelecimento da revista, entre 1945-49, quando a mesma chegou próximo a média de 5 números publicados por ano, com diversas seções e muitos colaboradores de peso; em oposição ao período de 1950-55, com uma média próxima a dois números publicados por ano, uma diminuição marcante das colaborações (sobretudo dos principais colaboradores do período anterior), e o gradativo afastamento de Aderbal Jurema, até o desaparecimento de seu redator-chefe das páginas da Nordeste a partir de 1956.

VII – Orientações

Não foram feitas orientações de discentes da Unesp. Contudo, o afastamento para pós-doutorado da minha instituição de origem, a Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO/PR), embora implicasse na suspensão de quase todas as atividades, ainda assim permitiu a continuidade das orientações de pós-graduação. Dessa forma, mantive a orientação do mestrando Jadson Stevan Souza da Silva, que qualificou seu trabalho em 25 de junho de 2024, e está prestes a defender o mesmo, ainda neste ano. Também segui orientando o estudante Luiz Guilherme de Oliveira Sebenski, que ingressou no mestrado em meados de 2023.

Por fim, em agosto de 2024, iniciei a orientação da estudante Yasmin Brand Rodrigues. Esse trabalho merece destaque visto que a referida pesquisa se debruçara sobre a revista Joaquim, periódico cultural que foi publicado em Curitiba/PR entre 1946-48. Esse trabalho acabou sendo articulado com o projeto Revistas de Ideias e Cultura (RIC), iniciativa portuguesa que é coordenada no Brasil pela Prof.^a Dra. Tania Regina de Luca. A ideia é coadunar a pesquisa da mestranda com a inserção da revista Joaquim no site da RIC.

VIII – Disciplinas ministradas e/ou realização de atividades de Extensão

Não foram ministradas disciplinas durante o pós-doutorado, bem como não foram realizadas atividades de extensão. Entretanto, cabe destacar a participação ativa no grupo de pesquisa mantido pela orientadora, o que incluiu não apenas a leitura de textos teóricos, mas também a discussão de trabalhos de alunos da graduação, mestrado e doutorado, o que me permitiu contribuir com o processo de orientação, em diferentes níveis.

IX – Comentários da Supervisora

O relatório apresentado bem indica o quanto o professor se dedicou à pesquisa. Trabalhando com revista que ainda não contava com fortuna crítica, foi necessário, inclusive, localizar o

periódico em diferentes acervos, nas cidades do Rio de Janeiro e Recife. A análise detida da publicação permitiu estabelecer diferentes momentos para o periódico, e esclarecer o papel que desempenhou no contexto do pós-guerra. Deslocar a análise das produções culturais para além do eixo Rio-São Paulo ainda se constitui num desafio, para o qual a pesquisa contribui de forma significativa.

O estudo realizado também é importante na medida em que permitiu colocar em prática proposta metodológica para a análise de periódicos, o que exigiu do professor considerável reflexão tendo em vista não apenas esclarecer aspectos da materialidade da publicação, como também debruçar-se sobre a organização interna da publicação e seu projeto gráfico. Os interesses que cercaram seu lançamento e a rede de sociabilidade formada em torno da redação, diversa em suas duas fases, demandaram identificar os colaboradores, esclarecer a natureza dessa colaboração e discernir as principais temáticas tratadas, cabendo destacar que a ênfase recaiu na fase inicial, em função do tempo do estágio.

As várias publicações que resultarão do estágio, inclusive livro autoral, indicam o quanto se conseguiu realizar ao longo de um ano. Não resta dúvida quanto à importância da contribuição historiográfica do estudo realizado sobre a revista *Nordeste*.

X – Bibliografia

BARROS, Rosário de Pompéia Macêdo de. *Das relações políticas à racionalização das industriais culturais: a trajetória do sistema Jornal do Commercio de comunicação*. 2009. 112 folhas. Dissertação de Conclusão de Mestrado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

BOUFFARTIGUE, Delphine. Temps Modernes (Les). In. JULLIARD, Jacques; WINOCK, Michel (Dir.) *Dictionnaire des intellectuels français*. Les personnes, les lieux, les moments. Nouvelle Edition. Paris: Seuil, 2009, p. 1337-1338.

CANDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2002.

CHARTIER, Roger. Prólogo. Un humanista entre dos mundos: Don Mckenzie. In. MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografía y Sociologia de los textos*. Madrid: Akal, 2005.

DÁVILA, Jerry. Entre dois mundos: Gilberto Freyre, a ONU e o apartheid sul-africano. *História Social*. Campinas, n. 19, segundo semestre de 2010, p. 135-148. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/319/275>. Acesso em: 14 out. 2024.

DIMITROV, Eduardo. *Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LOPES, Alcides. *F. Pessoa de Queiroz: vida e ação*. Subsídios para futuras biografias. Recife: FUNDARPE, 1985.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2008. p. 111-153.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 11(1): mai. 1999, p. 111-136. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/QzngfFsZnmKFLtHyMWpnwHk/>. Acesso em: 26 set. 2024.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)* Vol. X: Periódicos do Recife 1941/1954. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1997.

NORDESTE. Recife: Empresa Jornal do Commercio S. A., 1945-1965.

ROSA, João Guimarães. *Estas estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

VELLOSO, Monica. Percepções do Moderno: as Revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, L. M. B. P., MOREL, M., FERREIRA, T. M. B. da C. (Orgs.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 312-331.